

BANANA

Uma produção do GRIPS para crianças acima de 10 anos

AUTORES - Rainer Hachfeld & Rainer Lücker

MÚSICA - Leo Ferlauto

TEXTOS DAS CANÇÕES - Volker Ludw

ADAPTAÇÃO - Dilmair Messias

SBAT

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE NO R. G. SUL

PERSONAGENS :

PANCHO, 12 anos , rapaz do interior

CASIMIRO, 15 anos, músico de rua

CORNÉLIA, 12 anos, filha de um executivo alemão

RAMON, 15 anos, jovem trabalhador da plantação

POLICIAL DA ALDEIA

Dr. MULLER SANFT, pai de Cornélia

TERESA, mãe de Pancho

JUAN, trabalhador mais velho da plantação

PEBRO, desempregado

CAPATAZ

ANTONIA, vendedora de pastéis

PADRE VICENTE

IRMAO HENRIQUE

TRANSEÛTE

POLICIAL

POLICIA SECRETA

ANA, babá de Cornélia

EMILIANO, sacerdote

TENENTE

SARGENTO



Terraço de um luxuoso hotel na América Latina. Cornélia está sentada numa espriguiçadeira, lendo uma revista em quadrinhos. Pancho entra.

- PANCHO - Bananas, bananas, bananinhas. (Cornélia recusa)
- POL. DA ALDEIA - (Entra e afugenta Pancho. Pancho se esconde. Jogo com o policial que o vigia. Pancho consegue se aproximar novamente da menina.)
- PANCHO - Bananas, senhorita ! As melhores de todo Porto Pobre. Onze cruzeiros (o guarda retorna pronto para afugentar Pancho)
- CORNÉLIA - (grita) Eu estou com vontade de comer bananas (provocando) quanto custam as tuas bananas ? (guarda sai)
- PANCHO - Para ti só 20 cruzeiros, senhorita. Deliciosas bananas-gigante. Aqui estão as melhores bananas de todo Porto Pobre. 20 cruzeiros, senhorita.
- CORNÉLIA - Dez.
- PANCHO - Vinte cruzeiros.
- CORNÉLIA - DOZE .
- PANCHO - 20 cruzeiros, porque tu me ajudaste com o policial. É um preço de gratidão.
- CORNÉLIA - (Dá-lhe os doze cruzeiros e toma-lhe as bananas) Vendido é vendido ! Paizinho! (Pancho se esconde) Vamos nadar? (o pai entra com o boy do hotel e telefone, Pancho some) Tu me prometeste !
- PAI - (no telefone) Sim, alô! O que há com a ligação? Será que é tão difícil neste país, uma ligação para N. York... (para Cornélia) Estas bananas são bonitas mesmo. Onde as conseguiste ?
- CORNÉLIA - Comprei, pra tí ! (dá as bananas para ele)
- PAI - Pra mim ?
- CORNÉLIA - 35 cruzeiros !
- PAI - É barato. Mas não quero que gastes a tua mesada comigo. Aqui tens os 35 cruzeiros. (sai)
- PANCHO - Me aprontaste uma boa, hein ?
- CORNÉLIA - Como ?
- PANCHO - Tu revendeste as bananas por 35 cruzeiros.
- CORNÉLIA - Porque sou melhor que tu pra negócios.
- PANCHO - Oi, Casimiro !
- CASIMIRO - (entra) Oi, Panchito! Maravilhoso bom dia, pequena srta. Gostaria de uma canção ? Melodias do amor, com o compasso da alegria. O canto das estrelas e a queixa da saudade. Somente 1º cruzeiros a canção
- CORNÉLIA - Prefiro escutar rádio - de graça.
- CASIMIRO - Rádio ?! Escuta isto, Panchito. Ofereço a ela um concerto de encomenda por alguns trocados e ela prefere ouvir rádio.
- PANCHO - Não liga, Casimiro. Ela já me passou pra trás a pouco.



CASIMIRO : Estes americanos - Coca-cola são todos iguais.

CORNÉLIA : Eu sou da Europa, da Alemanha.

CASIMIRO : Volkswagen !

CORNÉLIA : Nós andamos de Mercedes. (Pancho tira o Bilboquê e brinca com Casimiro) Pancho, queres brincar comigo ?

PANCHO : (Parando) Brincar ? Tenho de ganhar a vida.

CORNÉLIA : Eu te pago alguma coisa.

PANCHO : O que - para brincar ? (Pancho e Casimiro voltam até Cornélia)

CASIMIRO : (empurrando Pancho para Cornélia) É a chance da tua vida !

PANCHO : Quanto ? Bilboquê-custa...

CASIMIRO : (cochichando) 20 cruzeiros.

PANCHO : 20 cruzeiros (volta-se assustado para Casimiro) 20 cruzeiros ? (Casimiro confirma)

CORNÉLIA : O que é isto ?

PANCHO : Espera, eu te mostro.

CASIMIRO : (para Cornélia) E quando tiveres aprendido, podes mostrar aos teus amigos na Alemanha.

CORNÉLIA : Mas eu não moro na Alemanha.

PANCHO : Onde então ?

CORNÉLIA : Em Santa Basura .

PANCHO : Lá onde uma banana custa oito cruzeiros ?

CASIMIRO : E o que fazes lá ?

CORNÉLIA : Vou à escola.

PANCHO : Tua vais à escola ?!?!?

CORNÉLIA : Vocês não vão à escola ?

CASIMIRO : Em Porto Pobre não tem escola .

CORNÉLIA : Vocês tem sorte ! (Pega o bilboquê pela primeira vez)Consegui !

CASIMIRO : E o que estás fazendo aqui ?

CORNÉLIA : O meu pai trabalha em Santa Basura. É Diretor da I.P.P .

PANCHO : Aipipi ? Que gozado ? O que é isto

CORNÉLIA : É uma abreviatura. I para Inter P para Pulpo e P para plantação.

PANCHO : Pulpe ? Isto é um polvo. um animal assim cheio de braços viscosos.

CASIMIRO : Então é Ipepe . Aipipi aqui é outra coisa !

CORNÉLIA : É uma firma Internacional muito grande, com minas, plantações e escritórios, e daí a gente pronuncia em inglês. Ipepe em inglês é Aipipi. (consegue novamente pegar o bilboquê) Agora já consegui duas vezes. (Pancho brinca com o bilboquê) O Pancho é índio ?

CASIMIRO : Não é latino-americano.

CORNÉLIA : Também é latino-americano ?

CASIMIRO : Claro ! Meu tataravô era espanhol, minha tataravó negra, meu bisavô índio...



CORNÉLIA : Bah ! Que misturada. Mas conta mais.
CASIMIRO : (estendendo a mão) 12 cruzeiros e canto a canção da misturada.
CORNÉLIA : DEZ !
CASIMIRO : DEZ ? (resignado) dez... (canta a canção da misturada; depois das primeiras linhas chega Pancho com um pau e uma lata de conserva. Canta junto).
CASIMIRO : Dez cruzeiros !
PAI : (do hotel) Cornélia !
CORNÉLIA : Meu pai ! Ainda tenho de me vestir para comer. (para Pancho) Posso ficar com isto ?
CASIMIRO : Claro. (Cornélia quer sair)
PANCHHO : Ei ! Meus 20 pesos !
CORNÉLIA : Depois eu te dou. (sai)
CASIMIRO : Agora ela te passou a perna de novo.
PANCHHO : Mas eu ainda pego este dinheiro.

II QUADRO

Diante da cabana de Tereza. Teresa Lava, Juan se aproxima.
TERESA : (Observa Juan pegando um pastel) Tira a mão ! Vê se me entendes, Juan, não posso te dar nada. Tenho que alimentar cinco bocas. Tens de cuidar de ti sosinho.
JUAN : Olha para estas mãos, Teresa. Querem trabalhar ! Mas não há trabalho.
TERESA : Na plantação parece que precisam de gente novamente.
JUAN : Mas eu já estive lá. Sabes o que me disseram? Velho demais !
TERESA : (resignada) Pega um ! (Juan pega um pastel) Conseguiste mais uma vez, hein ? (Pancho chega com Casimiro)
PANCHHO : Mamãe, estou com fome. (pega o último pastel) o quê ? Só um pastel ?
TERESA : Quanto dinheiro conseguiste pelas bananas ?
PANCHHO : 12 cruzeiros.
TERESA : 12 cruzeiros por um punhado de bananas? (Pancho dá o dinheiro a ela) Mas são só três !
PANCHHO : Porque já treuxe junto o leite em pó para Dolores. Está custando agora 9 cruzeiros. (Tira o pacote de dentro da camisa)
TERESA : Já subiu um cruzeiro de novo .
PANCHHO : Agora se chama IPP, disse o cara do armazém. (para Juan) Juan, diz uma coisa. Quanto é mesmo daqui a Santa Basura ?
JUAN : Mais de 100 Klm.
PANCHHO : E é verdade que em Santa Basura uma banana custa 8 cruzeiros ?
JUAN : Não sei mais.
CASIMIRO : E como é na cidade ?
JUAN : (proseando) Como no céu, meu rapaz. Luzes coloridas, ruas largas



automóveis cintilantes ! Bonitas senhoritas ! Futebol ! Uma vida magnífica !

TERESA : E por que voltaste então ?

JUAN : (pressionado) Saudade, Teresita, saudade.

PANCHO : Mamão, eu também quero ir para Santa Basura. Oito Cruzeiros por uma banana ! Vou ganhar muito dinheiro. Dinheiro que nem água.

JUAN : Tu vais te dar mal !

PANCHO : Vou conseguir ! Sou o melhor vendedor de bananas de todo Porto Pobre ! (grita) Bananas! Bananinhas! Bananas!..

CASIMIRO : Panchito, na cidade devem existir milhares de vendedores de bananas, tens de ser um verdadeiro artista! (demonstra) Frutos maravilhosos da beira da selva! Garras douradas das verdes bananeiras! Bananas de Porto Pobre, da terra da lua dourada!

PANCHO : Isto eu aprendo! (grita) Bananas de Porto Pobre, da terra...

CASIMIRO : ...da lua dourada !

PANCHO : (para teresa) Posso ?

TERESA : (dá sua correntinha para Panchito) Se tu queres...

PANCHO : Iuuuuupiiii, vou para a cidade! (ele e Casimiro cantam, juan - volta- festa de despedida - canção : "Da vou para a cidade".)

III QUADRO

Aeroporto. Diante de uma cerca da altura de um homem e com uma porta, está sentada Cornélia sobre uma bagagem numerosa e lê uma revistinha.

PANCHO : (carregando uma penca de bananas, aparece por trás da cerca e deca sobre Cornélia) Ei, Cornélia! (procura uma passagem. Corre ao longo da cerca até a porta).

CORNÉLIA : (descobrimdo as bananas de Panchito) Panchito ! Viesses vender tuas bananas aqui ? Para os aviões ?

PANCHO : Não, em Santa Basura.

CORNÉLIA : O quê ?

PANCHO : É, vou para a cidade.

POLICIAL : (aparece) Ei, tu aí, vagabundo! Sai imediatamente daí !

PANCHO : (indeciso diante de Cornélia) Por favor, Cornélia depressa meus 20 cruzeiros do bilboquê !

POLICIAL : Eu já disse, sai daí ! (corre até a porta, abre-a com a chave, quer pegar Panchito)(Panchito Passa correndo pelo policial vai para fora , o policial vai atrás e Panchito dá-lhe um calço. Panchito foge) (Policial sai)

PANCHO : (voltando) Porfavor, Cornélia, eu preciso do dinheiro para a viagem.

CORNÉLIA : Panchito, eu te faço uma proposta. Te dou a minha revistinha, vale ainda pelo menos 5 cruzeiros. Aí te devo só 15



PANCHO - (nega a revista) Cornélia, o que está escrito aqui? (mostra uma figura).

CORNÉLIA - (lê) Doutor Norton, eu o previno...Bum!crac!Zum!Grrr!Bum!Crac!

Doutor Norton, eu o avisei! Continua no proximo número.

PANCHO - Isto está aí?

CORNÉLIA - Pensas que eu também não sei ler? (mostra a ele de novo a revista).

PANCHO - (observa a revista, mas não a pega) 5 cruzeiros, e os meus 20?

PAI - (da saída) Cornélia!

CORNÉLIA - O resto te dou em Santa Basura.

PAI - (aparece com pressa) Anda, ligeiro, Cornélia, nós temos de...

PANCHO - (dá alguns passos para trás) Onde, onde vamos nos encontrar lá?

PAI - O que estás fazendo aqui? Te perdeste por acaso? (Cornélia tinha corrido para Pancho e lhe dado a revista) Cornélia! (puxa o perplexo Pancho para si) Vem cá! A revista! (tira a revista de Pancho) Agora vê se vais para casa. (Para Cornélia) Eu já te disse mil vezes...(para Pancho que ficou parado indeciso) Vamos anda, trata de ir embora! (Pancho corre torto a fora e observa a cena de uma distância segura) (Para Cornélia) Eu já te disse mil vezes que não deves te misturar com estes moleques.

CORNÉLIA - Mas eu só dei a revista para ele...

PAI - Com uma revista é que começa tudo e daí eles ficam desavergonhados e querem nossas casas e nossas plantações! Por fim ainda nos expulsam do país.

CORNÉLIA - O Pancho? (Pai sai)

PANCHO - Cornélia! (tira uma flauta do bolso e toca)

CORNÉLIA - (vai até Pancho na cerca) Mas que bonito!

PANCHO - (estende-lhe a flauta através da cerca) Foi eu que fiz, pra ti! (Cornélia tira da flauta um som horrível)

PAI - (da saída) Cornélia!

CORNÉLIA - Obrigada. (vai atrás do pai, soprando a flauta)

PAI - (volta) Cornélia, onde estás? De onde tiraste isto? (tira-lhe a flauta)

CORNÉLIA - DO PANCHO.

PAI - (saíndo, joga a flauta por sobre o ombro) É isto que põe na boca...



(saindo, joga a flauta por sobre o ombro) E isto tu pões na
ca! (Pancho olha a flauta jogada na sujeira)

(- BLACK -)

IV QUADRO

Plantação de bananas. No meio do abrigo contra o sol, primitiva-
mente construído com caixas de papelão. Vêm-se Pedro e Ramon
bainhando. Carregam pencas de bananas. Ramon entra pela esquerda,
com uma penca de bananas-gigante, Pedro pega a penca no meio do
pátio e sai levando-a para a direita. A entrega das pencas é feita
com todo o cuidado para que as frutas sensíveis não sejam am-
massadas.

CAPATAZ - (da esquerda) Ramon!

RAMON - (vem com as bananas, contra a vontade, vai para a esquerda, en-
contra o capataz, os dois se olham) Não posso fazer milagres!

CAPATAZ - Mas vai ter de aprender, meu rapaz, senão vais pra rua!

RAMON - (contém-se para não responder, sai. Trânsito normal. Capataz se
apressa para o meio, Ramon aparece da esquerda com nova penca de
bananas, Pedro da direita, tem dificuldade com sua penca.)

CAPATAZ - O que há contigo, velhinho? Joelhos fracos, hein? Lernas da ban-
nana! É um mau sinal. Estás ficando velho, Pedro. (Pedro sai com
a penca)

CAPATAZ - (quer atacar o capataz, mas é imobilizado com um chicote)

RAMON - por que é que estás me olhando assim? Vá ao trabalho, se
queres alguma coisa. (Ramon sai. Trânsito normal. Capataz sai.) (Ra-
mon vem da esquerda com bananas,) Este animal, ainda lhe penso o
chicote!

PEDRO - Não faz bobagem!

RAMON - Tu achas isso aqui um paraíso?

PEDRO - Pelo menos temo o que comer e um telhado sobre a cabeça. (sai)
(Pancho entra, vai até o abrigo. Pedro entra, pega as bananas de
le e sai)



- PANCHO - Ei...minhas bananas!(neste momento entra Ramon com uma nova penca. Pancho fala com ele e pergunta a respeito de suas bananas).
- RAMON - O queres dizer com "tuas bananas"? Fecha os olhos, Estás vendo alguma coisa?
- PANCHO - Nada.
- RAMON - Isto é teu. (Pedro volta)
- PANCHO - (para Pedro) Onde estão as minhas bananas ?
- PEDRO - Que bananas ?
- RAMON - Aqui todas as bananas pertencem à IPP.(Pedro e Ramon saem)
- PANCHO - IPP ? (vai atrás)(Ramon volta-Pancho dirige-se a ele, quer perguntar de novo)
- RAMON - De onde vens mesmo? (neste momento Pedro também está de volta)
- PANCHO(DE)-De Porto Pobre.
- PEDRO - E o que procuras aqui ?
- PANCHO - Minhas bananas !
- RAMON - (aponta as bananas) Ah, são estas as tuas bananas ?
- PANCHO - Não a penca era menor, mas as bananas maiores.
- PEDRO - (digo, PANCHO) - Eu estou aqui para carregar e não para(perguntar) separar. (sai)(Ramon também quer sair. Sinal para o almoço. Pancho continua falando com ele)
- PANCHO - Mas tenho de reaver minhas bananas! Tenho que vender lá na cidade. Pra onde ele levou minhas bananas ? (Ramon está levemente enervado, mas quer ajudá-lo)
- RAMON - Rapaz, tu irritas! Vem, vamos buscar tuas bananas! (saem)
- PEDRO - (volta e se deita exausto na sombra)
- ANTONIA - (entra balançando uma cesta sobre a cabeça) Pastéis! Pastéis quentinhos! Pastéis saborosos! Pastéis deliciosos! Pastéis !
- RAMON - (volta com Pancho e as bananas) Ei, Antonia! Dois pastéis para mim e meu amigo.
- ANTONIA - Tens dinheiro ?
- RAMON - Hoje não, amanhã.
- ANTONIA - Não posso viver de tuas promessas, preciso do dinheiro.
- RAMON - Um dia vou trazer à tua porta dinheiro aos montes, pedras preciosas, jóias...



- ANTONIA - Ontem não vagaste, hoje mentes para ti mesmo e amanhã talvez já tenhas ido em bora.
- RAMON - Mas Antonia, logo eu...
- ANTONIA - Pastéis! (grita e sai)
- RAMON - Fome desgraçada!
- PANCHO - Vocês não podem comer bananas aqui ?
- RAMON - Essas ciosas verdes ? Se as comeres, teus intestinos vão virar do avesso. Mas as tuas ... já são outra coisa.
- PANCHO - Mas estas eu tenho de vender.
- RAMON - Onde ?
- PANCHO - Em Santa Basura.
- RAMON - Mas se morreres de fome no caminho, também de nada adiantam tuas bananas.
- PANCHO - (hesita, arranca uma banana) Está bem, porque tu me ajudaste.
(dá a banana a Ramon)
- RAMON - (morde a fruta com vontade) És um verdadeiro amigo, guri. Como é mesmo teu nome?
- PANCHO - Pancho .
- RAMON - (estende-lhe a mão) Ramon. (divide a banana com Pancho)
- PANCHO - Na nossa aldeia também há uma plantação. Mas eles não me aceitaram. Era muito jovem para eles.
- CAPATAZ - (entra) Mas isto é uma festa maravilhosa. E eu pensei que o dia de Ação de Graças fosse só depois de amanhã. Estão gostando das nossas bananas ?
- PANCHO - Estas bananas são minhas, Sr. Bananas de Porto Pobre...
- CAPATAZ - Estou encantado em finalmente conhecer o proprietário da plantação. Tão jovem e já tão rico ! Às suas ordens Sr. Diretor!
- RAMON - Até um cego vê que estas bananas não são da IPP.
- PANCHO - Não entendo, Sr...
- CAPATAZ - Mas eu sim. Desaparece, ladrão sujo! E tu também vai junto Ramon. Pega a tua trouxa e some! (Pancho quer pegar suas bananas) Estas ficam aqui !



PEDRO - (tomado de toda a coragem) Mas Don Afonso. Estas são mesmo as bananas dele, ele as trouxe junto... são maduras e amarelas, as nossas ainda estão bem verdes...

CAPATAZ - Na plantação da Inter-Pulvo todas as bananas pertencem à IPP, se verdes, amarelas ou vermelhas, vodes te mandar também.

RAMON - Fora, Pancho! (ele atinge o Capataz por trás, entre as pernas e atira-o no chão. Pedro atira-lhe as bananas, pancho e Ramon saem. Pedro pega o chicote e joga-o nos pés do capataz)

CAPATAZ & (junta o chicote e estala-o) Ao trabalho !

V QUADRO

Na frente de uma igreja no interior. Ao lado de entrada da igreja um monte de gêneros alimentícios- cestas cheias de frutas e verduras, peças de bananas. Padre Vicente está na frente da igreja, lê a faixa e chama O Irmão Henrique.

Pe.VICENTE- Irmão Henrique, estenda isto bem firme, para que todos possam ler direitinho.

I.Henrique- E quem é que sabe ler aqui ?

Pe.Vicente- Pare de criticar! Enquanto eu estiver dirigindo esta paróquia, esta faixa faz parte do Dia de Ação de Graças.

I.Henrique- Du sei. Só gostaria de saber pra que isto.

Pe.Vicente- Com os donativos saciamos, todos os anos, alguns (e daí) esfomeados da nossa paróquia. Mas isso decerto não os interessa.

I.Henrique- As pessoas que dão os donativos, estão ficando cada vez mais pobres. E a igreja com toda sua riqueza não dá um tostão. (quer sair)

Pe.VICENTE- Irmão Henrique. Não tenho nada com o que o Sr. fizer quando tiver a sua própria paróquia. Mas enquanto o Sr. trabalhar na minha paróquia, eu é que decido. (Henrique sai. O Padre observa com satisfação os donativos, pega uma maçã, limpa-a na batina, morde-a. sai)

RAMON - (entra, cansado e esgotado, contempla o monte de alimentos, esfrega os olhos)

PANCHO - Santa Virgem Maria!



RAMON - Olha bem isto antes que desapareça !

PANCHO - (vem cansado atrás) Um milagre !

RAMON - É muito ,petitoso !

PANCHO - Tu achas que nós...

RAMON - Eu não acho nada. Meu estômago acha.

Pancho - O meu até fala.

RAMON - Anda, vamos! (olham para os lados - atiram-se, ao mesmo tempo, sobre as frutas. Pancho deixa sua penca de bananas escorregar do ombro e a coloca no chão)

Pe.VICENTE- (sai pela porta da igreja e entra em cena) O que voces estão fazendo aqui ? Vamos saindo e bem depressa! (Pancho e Ramon se afastam, Pancho quer pegar novamente sua penca, que o padre nota. Espera! Um momento, meu filho! Isto é coisa bem diferente! Por que não disseste logo? (Pancho e Ramon olham-se aliviados. O padre se aproxima rapidamente de Pancho e faz o sinal da cruz sobre ele) O Senhor te abençõe e guarde. (Pancho se ajoelha, o olhar humilde dirigido para o chão, enquanto o padre pega a penca de bananas e a carrega até as outras frutas)

RAMON - (dando um pontapé no traseiro de Pancho ajoelhado) Panchito! Tuas bananas!

PANCHO - (olha para cima) Estas bananas são minhas !

Pe.VICENTE- É como, meu filho, e como. É a coisa mais certa que um bom cristão pode fazer.(Ramon esgueira-se por trás das costas do padre para pegar de volta a penca de bananas. Pancho, perseguido pelo padre, tenta salvar-se pulando sobre o monte de víveres, dá um pulo muito curto e cai numa cesta) Sai logo daí, pequeno miserável

PANCHO - Ai,Ai,Ai, não posso. Meu pé !

RAMON - Espera, Panchito, eu te ajudé.

Pe.VICENTE- (para Ramon) Tu ficas onde estás. Nenhum passo ou eu chamo a polícia!

I.HENRIQUE- (saindo pela porta da igreja, entra em cena) Está aí

Pe.VICENTE- Irmão Henrique, o Sr. chega em boa hora;(Henrique tenta pegar as bananas vezes dar um aviso a Pe. Vicente, mas não consegue)



deste aí e afaste de mim esta tropa de ladrões.

PANCHO - Mas nós não somos ladrões.

Pe.VICENTE - Vocês roubaram oferendas.

RAMON - Tudo mentira! Estas são as nossas bananas.

I.HENRIQUE - Meu Deus eles devem estar com fome.

Pe.VICENTE - Irmão Henrique! As esmolas são para os necessitados da nossa paróquia! Mande de uma vez estes vagabundos para o diabo! Ah... quero dizer, faça alguma coisa!

I.HENRIQUE - Um senhor da IPP espera na sacristia.

Pe.VICENTE - Pelo amor de Deus - por que não disse logo? Há quanto tempo está esperando? O Sr. cuide desses vagabundos. (sai rapidamente com as bananas) (Ramon ajuda Pancho a sair da cesta, Pancho se curva de dor)

I.HENRIQUE - (examina o pé de Pancho) Dói?

PANCHO - Ai, ai. Sim.

I.HENRIQUE - O pé está torcido. Vou buscar uma atadura. (sai)

RAMON - (joga-se sobre os víveres, atira frutas para Pancho, soca uma quantidade de frutas embaixo da camisa) Anda Pancho, pega!

PANCHO - Nós não devemos. (hesita, mas pega um punhado e soca embaixo da camisa)

RAMON - Claro que podemos. Está escrito aí. (mostra a faixa)

PANCHO - Tu não sabes ler o que está escrito ali.

RAMON - Por isso mesmo! Então eu imagino que está escrito "bom apetite".

PANCHO - Isso mesmo! Ali está - "bom apetite"! (os dois comem com avidez)

I.HENRIQUE - Bom apetite! (começa a enfaizar o pé de Pancho)

PANCHO - Está mesmo escrito ali? (mostra a faixa)

I.HENRIQUE - (ri) Não. Ali está - Dar é mais piedoso que receber.

PANCHO - Então o padre gordo não é muito piedoso.

RAMON - Só gosta de receber.

PANCHO - E para quem é isto tudo, toda esta comida?

I.HENRIQUE - Para os pobres.

RAMON - Eu não te disse Pancho? Para nós, então.



I. HENRIQUE- De onde voces vieram ?

PA. CARO - Eu venho de Porto Pobre. E quero vender minhas bananas em Santa Basura.

RAMON - Ei, e as bananas dele ?

I. HENRIQUE- (quer sair) Voces conhecem alguem nesta cidade?

RAMON - Nãõ.

I. HENRIQUE- Vou dar um endereço para voces de amigos na cidade, quando não souberem a quem apelar, vão até lá. (dá um papel para Pancho)

Pe. VICENTE - (saindo pela porta da igreja, entra em cena) Estes moleques ainda estão por aqui ?

I. HENRIQUE- Os humildes e enfeitados são os escolhidos, diz a Santa Escritura. (sai e busca as bananas de Pancho)

Pe. VICENTE- Mas não fala nada de ladrões. (Pancho e Ramon querem sair)

I. HENRIQUE- Não são ladrões. Foi um mal-entendido. (algumas frutas caem da cãmisa de Pancho, este tenta recolhe-las)

Pe. VICENTE- E isto af ? (Henrique da as frutas escondido para Ramon) Tambem é um mal-entendião? (amassa com o pé uma fruta que Pancho quer pegar)

I. HENRIQUE- Eu as dei para eles.

Pe. VICENTE- O Sr. não tinha esse direito.

RAMON - (saindo) Dar é mais piedoso que receber! (Pancho e Ramon saem)

Pe. VICENTE- e Sr. os instigou!

I. HENRIQUE- Eu sóli para eles os dizeres da sua faixa.

Pe. VICENTE - É melhor que faça seu trabalho! O Sr. da IAP quer explicar-lhe suas tarefas para a festa de Ação de Graças na plantação.

I. HENRIQUE- Jesus enxotou os mercadores do templo.

Pe. VICENTE- E eu sou Jesus?

VI CUADRO

Em Santa Basura, praça Bolívar, monumento a Bolívar. Na praça está sentado um índio. Pancho chega, senta-se num banco e oferece suas bananas quase dormindo.



- PANCHO - Bananas, bananinhas! Bananas-gigante! Compre bananas!
- CASIMIRO - (chega na praça, descobre Pancho, observa-o um momento e grita)
Garras douradas das verdes bananeiras! (Pancho responde ueio no sono, endireita-se assustado, procura e então cumprimenta)
- PANCHO - CASIMIRO !
- CASIMIRO - Panchito !
- PANCHO - De onde vens ?
- CASIMIRO - Pergunta boba, de Porto Pobre, como tu! Panchito, Santa Basura é um paraíso! Até aqui 50 cruzeiros ! E ainda não é nem meio-dia. Em Porto Pobre eu teria me esgoelado um mes para ganhar isto. E tu ? Já vendeste alguma coisa ?
- PANCHO - (meio chateado) Até agora não, mas também mal conheci.(continua a gritar) Bananas, bananinhas !
- CASIMIRO - Espera, Panchito, eu te ajudo! (pega a melodia com que Pancho oferece suas bananas e cria daí uma canção - " Bananas " .
(Ao cantar "Não! São os raios , os dedos dourados" entra em cena uma senhora. Pancho inicialmente não a vê, Casimiro chama sua atenção para ela. Pancho sai correndo atrás dela)
- PANCHO - Senhora! Bananas! Compre senhora! Frutas maravilhosas da beira da selva! Garras douradas das verdes bananeiras. Bananas de Porto Pobre, da terra da lua dourada! Compre senhora, compre minhas bananas e seus filhos tristes voltarão a sorrir !
- SENHORA - (continuando seu caminho) Só falta dizeres que tuas bananas fazem crescer cabelos num careca e uma velha aprender novamente a dançar !
- PANCHO - Ah, isso eu não sei, não senhora. Mangas, abacaxis, mamões, melões todas as maravilhas das chuvosas florestas tropicais ficarão verdes e duras de inveja se forem servidas ao lado destas preciosidades de puro mel !
- SENHORA - De onde é que tiraste estes ditos tão bonitos?
- PANCHO - Do meu amigo, o trovador da minha aldeia.
- SENHORA - E as bananas, são gostosas mesmo ?



PANCHO - Prove, senhor,! (descasca uma banana e lhe oferece)

SENHORA - (prova) Huummm...que gosto maravilhoso !

PANCHO - Bem que eu lhe disse.

SENHORA - E quanto custam as...suas preciosidades de puro mel ?

PANCHO - Uma m^ão... 35 cruzeiros!

SENHORA - queres dizer...5 bananas por 35 cruzeiros ?

PANCHO - É caro demais?

SENHORA - Pelo contrário! São mais baratas que as bananas fabricadas em mag
sa que a gente consegue aqui em Santa Basura.

PANCHO - E se todas as bananas fossem como as minhas, Santa Basura teria
que se chamar Santa Banana !

SENHORA - (ri)Santa Banana!..Me dá umas dez!

PANCHO - Dez. Pois não, senhora, são 70 cruzeiros.

SENHORA - (dá-lhe uma nota de cem cruzeiros)

PANCHO - (para Casimiro) Troca para mim.(este bate com o dedo na testa)

CASIMIRO - Infelizmente não temos troco.

PANCHO - Mas eu não tenho troco.

SENHORA - Deixa assim. O resto é pelos ditos bonitos de voces.(afasta-se
rindo) Santa Banana...!

PANCHO - (Vira-se para Casimiro, louco de alegria) Cem pesos!(Casimiro e
Pancho se abraçam e saem dançando de alegria) Cem cruzeiros por
um punhado de bananas. Vou ganhar muito dinheiro.(Os dois continuam
cantando , radiantes e doidos de alegria)

- CANÇÃO "BANANAS" (2ª estrofe)

GUARDA - (surda, levando a mão ao quepe) Garotos, que é que voces estão fa
zendo por aqui ?

PANCHO - Cantando, senhor !

GUARDA - E isso aí ? (aponta para as bananas)

PANCHO - Isso aí são as minhas bananas, senhor. Eu vendo bananas, bananas
tamanho família, bananas lindas senhor.

GUARDA - Tens uma licença?

CASIMIRO - Uma oque ?

GUARDA - Não se façam de bobos. Uma licença, uma permissão para voces pode-
rem vender bananas



PANCHO - Onde é que se consegue uma licença?

GUARDA - As licenças são concedidas pela IPP. Ela controla o mercado de bananas na cidade.

PANCHO - Então eu vou buscar uma para mim.

GUARDA - Não precisas perder tempo, guri. Uma licença custa dinheiro, muito dinheiro !

PANCHO - (orgulhoso) Eu tenho dinheiro, senhor! (Puxa uma nota de cem cruzeiros do bolso e mostra-a ao guarda) Muito dinheiro !

GUARDA - Onde é que tu conseguistes isso ?

PANCHO - Vendendo as minhas bananas senhor.

GUARDA - E com isso queres comprar a licença ? Não pode. (tira a nota da mão de Pancho).

PANCHO - Mas esse dinheiro é meu, senhor !

CASIMIRO - Como é que o Panchito podia saber que é proibido vender bananas ? (a senhora aparece e observa a cena)

GUARDA - A gente se informa, ora !

CASIMIRO - Mas em Porto Pobre ele também vendia bananas !

GUARDA - Nós estamos em Santa Basura. Escutem bem, isto é um conselho de amigo - é melhor vocês desaparecerem da cidade. (pega as bananas)

PANCHO - Minhas bananas !

GUARDA - As bananas estão confiscadas. (sai, levando as bananas)

PANCHO - Minhas bananas !!!

CASIMIRO - (vê a senhora debandando em outra direção, procurando ajuda).
Senhora !

PANCHO - Agora tudo acabou. Agora as minhas bananas se foram de vez. Eu não tenho sorte mesmo.

CASIMIRO - Nada disso, tu não tens é licença.

PANCHO - Primeiro sumiram na plantação, depois na igreja e agora aqui. Eu vou voltar para Porto Pobre.

RALON - (entra em cena) Oi, Pancho! Quem é esse aí ?

PANCHO - Este é o meu amigo Casimiro, de Porto Pobre.

RALON - Vendeste todas as tuas bananas ?



PANCHHO - Se eu vendi? Não tiveram todas.
RAMON - Quem ?
PANCHHO - Ora, um guarda !
RAMON - Ele também trabalha para a IPP.
PANCHHO - Quem foi que te disse isto ?
RAMON - Todos aqui trabalham para a IPP. Eles tomam conta da cidade toda.
PANCHHO - E da plantação, e da igreja...
CASIMIRO - ...e de Porto Pobre e de todo o país !
RAMON - Como um polvo giga tescô !
PANCHHO - Com mil braços que nos esmagam.
RAMON - Isso mesmo. São esses braços que nós vamos cortar.
(Casimiro começa a improvisar a "canção da IPP". Durante a última estrofe, o índio, que se encontrava no fundo, se movimenta.)
ÍNDIO - (afasta o seu poncho com um movimento dos braços e deixa entrever um uniforme por debaixo) Polícia! Esta canção tu vodes continuar assoviando no xadrez, rato desgraçado ! (Torce o braço de Casimiro sobre as costas e leva-o preso).

PAUSA - BLACK

VII QUADRO

Praça. Guarda recostado num pilar, ao fundo Panchho e Ramon. Entram Cornélia e a babá.

BABÁ - O teu pai quer que tomes ar puro
CORNÉLIA - Isso me deixa doente. (A babá sent-se num banco e tira um tricô)
GUARDA - (aproxima-se) Bom dia, senhorita Ana. O dia está lindo para um passeio.
BABÁ - Bom dia. Sim, mas está um pouquinho quente.
GUARDA - (contrariado) Bem, tenho que ir andando. O dever me chama.
BABÁ - (decepcionada) Até logo...
GUARDA - Até logo. (afasta-se a contra-gosto)
PANCHHO - (para Ramon) Olha ali, é a Cornélia.
CORNÉLIA - Panchho !
BABÁ - (salta, alarmada) Cornélia, volte já para casa.



CORNÉLIA - Mas agora eu não quero !

BABÁ - Cornélia, então tenho que contar ao teu pai que tu andas te metendo com gente bagaceira.

CORNÉLIA - Meu pai só acredita naquilo que eu digo.

BABÁ - (transgigindo) Está bem, faz o que tu queres. Vou te esperar ali adiante, na sombra. (afasta-se)

CORNÉLIA - (para Pancho) Fizeste a pé todo aquele caminho ?

PANCHO - Claro. Levei quatro dias.

CORNÉLIA - Legal !

BABÁ - Sabes ler ?

Pancho - Claro ! a Cornélia estuda numa escola de verdade.

BABÁ - Então lê isso em voz alta.

CORNÉLIA - é um endereço. Aqui diz - Sr. Emilianô - Rua da Paz, 32 - quem é o Sr. Emiliano ?

BABÁ - Para a Cornélia a gente pode contar.

BABÁ - Estás biruta? O pai dela é da IPP.

CORNÉLIA - E o que há com a IPP ?

BABÁ - Nada.

PANCHO - Eles prenderam o Casimiro, porque ele cantou uma canção.

CORNÉLIA - O que, foi preso !

BABÁ - Precisamos tirá-lo de lá, nem que seja a força.

BABÁ - Mas sozinho, nós nunca vamos conseguir.

BABÁ - Talvez esse aí possa nos ajudar. (aponta para o endereço) (Para a Cornélia) Tu sabes onde fica a rua da Paz ?

CORNÉLIA - Sim.

BABÁ - Podes nos levar até lá ?

CORNÉLIA - Sim, mas... (apretere-se a babá)

BABÁ - De estas te referindo àquela que cuida de ti, ela ainda está na sombra. Ven, vamos. (sua os tres)

GUARDA - (entra em cena com a babá. Absortos no humorado... as tarifas nem sempre são isentas de perigo. Mas eu digo... não arrisca não retisca.



BABÁ - Imagino que seja excitante.

GUARDA - (sorrindo)(lisongeador) Bem, sem agitação nenhuma não vai, senhorita Ana. Donar uma guriuzinha miúda, como essa, deve ser pior do que cuidar de um saco cheio de pulgas.

BABÁ - Felizmente não é a minha filha. (ambos sentam-se na beira de um monumento)

GUARDA - Por que é que voce não casa ?

BABÁ - (envergonhada) É que ainda não apareceu o homem certo.

GUARDA - Voce decerto é muito exigente...

BABÁ - (esquivando-se) Onde é que está a Cornélia? Cornélia! A gente sempre tem que estar correndo atrás dela . Cornélia !!!

GUARDA - Deixa que ela vai voltar.

BABÁ - (levanta-se de um salto e procura Cornélia na praça. O guarda a ajuda). Cornélia, deixa de bobagem . Cornélia!! Onde é que ela poderia estar ? Cornélia, vem cá imediatamente! (dirige-se ao guarda) É só ela aparecer com um arranhão e já o Sr. Diretor me cria um caso. Cornélia!!!! Meu Deus, só falta ela ter se mandado com aqueles vagabundos.

GUARDA - O que é que está dizendo, vagabundos ?

BABÁ - Ela conversou com dois tipos maltrabilhos. Eu não queria isso, talvez afinal de contas não posso amarrá-la, isso não agradaria ao pai. Cornélia !!!!

GUARDA - Voce conhecia os dois ?

BABÁ - Eu não conheço gentinha, Cornélia !!!

GUARDA - Isso me parece bastante perigo ao. Ultimamente tem havido quantidade de sequestros por aqui.

BABÁ - O que?

GUARDA - Afinal o pai dela é Diretor da IPP...

BABÁ - Meu Deus, voce está me assustando mesmo. Se voce tiver razão...isso seria pavoroso...pobre da menina ; Cornélia !!!!

GUARDA - agora não fique nervosa, senhorita Ana. Deixando em medida de precaução, vou fazer uma comunicação à central. Se ocorrer realmente um sequestro, quanto mais cedo se der o alarme, melhor.



BABÁ - (completamente abatida, senta-se) Pobre da menina ! Meu Deus, quando o Sr. Diretor ficar sabendo ...!

GUARDA - (fala no walkie-talkie)- Aqui patrulha 12 A para central. Posição praça Bolívar. Menina desaparecida. Filha do diretor da IPP - Friedrich Müller Sanft. Vista pela última vez com dois vagabundos. Sequestro não está excluído.

BABÁ (soluçando)

- BLACK -

VIII QUADRO

Quarto de Emiliano com uma escrivaninha, máquina de escrever e rádio. Emiliano está sentado na escrivaninha e escreve à máquina. Batidas na porta. Emiliano olha para o relógio, puxa a folha da máquina, esconde-a na gaveta, dirige-se à janela e olha para fora. Depois dirige-se à porta e abre-a com a chave. Cornélia, Pancho e Ramon entram. Cornélia cumprimenta-o com uma mesura.

RAMON - O senhor se chama Emiliano ?

EMILIANO - Sim, e quem são vocês ?

RAMON - (apontando para si) Ramon !

PANCHO - Eu sou Pancho, senhor.

EMILIANO - E o que vocês querem ?

RAMON - (para Pancho) O bilhete...

PANCHO - (para Cornélia) O bilhete ! (Cornélia entrega a Pancho o bilhete, com o endereço. Pancho o dá a Ramon)

RAMON - Esse bilhete é do padre. (estende-o a Emiliano)

EMILIANO - Ah, sim O padre Henrique... (lê o bilhete) Por que ele mandou vocês para cá ? (as frases seguintes são ditas por Ramon e Pancho ao mesmo tempo, confundindo-se)

RAMON - O senhor precisa nos ajudar...

PANCHO - Eles levaram o Casimiro pra cadeia. (mostram a Emiliano a canção de Casimiro)

Emiliano - De onde o amigo de vocês tirou essa canção ?



PANCHO - Foi o Casimiro mesmo que inventou.

CORNÉLIA - Então o Casimiro é um mentiroso ordinário.

PANCHO - O Casimiro é meu melhor amigo, fora o Ramon, é claro !

CORNÉLIA - A canção toda é uma mentira de fio a pavio! Foi por isso que botaram ele na cadeia. Sem a IPP aqui não funcionaria nada. O meu pai mesmo disse isto e afinal ele é o Diretor da IPP.

RAMON - Tu não faz idéia de nada.

CORNÉLIA - Tu é que não fazes.

RAMON - Olha aqui, bomequinha de plástico, eu já trabalhei numa plantação da IPP. Gente como o teu pai ganham uma grana com as nossas bananas e enquanto isso nós morremos na miséria.

CORNÉLIA - Isso não é verdade! Meu pai só quer o melhor pra vocês, além disso vocês não sabem fazer nada sozinhos.

RAMON - Porque não nos deixam ?

CORNÉLIA - Porque vocês são subdesenvolvidos !

PANCHO - Cornélia! Tu queria vender bem sozinho as minhas bananas. (Por cul) aí apareceu o guarda e tirou as minhas próprias bananas. Por causa da IPP, ele disse.

EMÍLIANO - Parem de brigar! (de fora ouvem-se sirenas. Pancho e Ramon correm para a janela)

LOCUTOR DO RÁDIO...não há até agora nenhuma pista. Para a captura dos sequestradores foram baixadas as seguintes ordens :

- 1- É vedada a permanência nas ruas a ós as 22 horas.
- 2- A polícia está autorizada a realizar buscas domiciliares sem licença especial.
- 3- Também podem ser feitas prisões sem indicação de motivos.

Caros ouvintes, segundo consta, o pai da sequestrada, Friedrich Müller Sanft...

CORNÉLIA - Mas é o meu pai !

LOCUTOR - e...quer oferecer uma recompensa por indicações que possam levar à libertação de sua filha Cornélia...

CORNÉLIA - Mas sou eu !



LOCUTOR -...e à captura dos criminosos.

Caros ouvintes, continuaremos informando-os sobre o desenrolar desta tragédia. Até lá nos lhes oferecemos música ...

EMILIANO - (desliga o rádio, para Cornélia) Eles se referem a ti ?

CORNÉLIA - Eu sou Cornélia Müller Sanft.

EMILIANO - E afinal, o que estás fazendo aqui?

PAZCO - Ela nos mostrou o caminho para cá.

EMILIANO - E por que estão falando em sequestro ?

CORNÉLIA - E como é que eu vou saber ?

EMILIANO - Ai, meu Deus precisamos te levar para casa em seguida.

CORNÉLIA - Mas por que ?

EMILIANO - Tu precisas sair imediatamente daqui! Se eles te acharem aqui, vamos todos parar no xadrez. (Emiliano e Cornélia saem)

RAMON - (grita) Ei, Padre - e o Casimiro ?

EMILIANO - Depois cuidemusdele (ambos vão embora)

RAMON - Quando uma bonequinha filha de estrangeiros chega uma vez com uma hora de atraso em casa, eles logo passam o aviso pelo rádio. Mas o Casimiro, esse pode mofar na cadeia, Isso não interessa ninguém.

- BLACK -

- IX QUADRO -

Sala de interrogatórios, na prisão. Uma escrivaninha com lâmpada e duas cadeiras, uma na frente e outra atrás . O Tenente está sentado junto à escrivaninha e folheia a papelada. O Sargento arrasta Casimiro para dentro, sacudindo-o.

CASIMIRO - Ai,ai,ai! O senhor está me pisando .

SARGENTO - (Puxa-o e senta-o num mocho)

TENENTE - (entra em cena)

SARGENTO - Esse é o sabiá, Tenente! Diz se chamar Casimiro.

TENENTE - (amável) Bom dia, pode sentar. De onde vens amigo ?

CASIMIRO - De Porto Pobre...

TENENTE - Senhor!



CASIMIRO - Senhor ?

SARGENTO - . gente responde senhor !

CASIMIRO - Senhor ?

SARGENTO - Eu venho de Porto Fobre senhor !

CASIMIRO - Oque, o senhor tambem ?

SARGENTO - Eu te esguelo, seu velhaco !

TENENTE. - Deixa disso Sargento! Ele não deve levar uma impressão errada de nós. Bem, porque tu não cantas a tua canção aqui pra nós, com toda a calma ?

CASIMIRO - Qual delas, hein ? Busei tantas.

TENENTE. - Mas de momento só estamos interessados numa. E se não tratares de te lembrar logo, nosso se deixar a sós com o Sargento.

SARGENTO - Posso te ajudar a lembrar, nisso eu sou craque, meuguri!(agarra Casimiro com brutalidade)

TENENTE. - quem sabe tu tentas primeiro lembrar da música.

CASIMIRO - (toca uma melodia) O Sr. quer ouvir isto ?

SARGENTO - (por trás torce-lhe lentamente a gola, enquanto Casimiro tenta continuar tocando) Tu sabes muito bem qual é a canção que eu me refiro!

CASIMIRO - Ai, não consigo(me lembrar) respirar mais...(toca a melodia da canção da IPP)

SARGENTO - É essa aí. Agora a letra.

CASIMIRO - Ah, bem...Não me lembro direito.

SARGENTO - Eu ouvi claramente - A IPP é um polvo com braços gosmentos. Ora, eu não tenho ouvidos entupidos.

CASIMIRO - Mas a letra não é nada disso, não! -"Oi, bebê ", foi o que eu cantei é assim que eu chamo a minha namorada.

TENENTE - Chega !agora vais cantar essa canção! Mas trata de não gaguejar.

SARGENTO + Canta cachorre ! (Casimiro canta a "canção da Bonequinha")

TENENTE - (interrompendo a música) Chega!Fim!Não quero ouvir mais nada! Aqui é a prisão e não uma parada de sucessos! Hua! Os dois !

(O Sargento puxa Casimiro, com força, para fora da sala)

- BLACK -



- X QUADRO -

Sala de Emiliano (igual ao Quadro VIII)

CORNÉLIA - Pancho! Sou eu, Cornélia ! (Pancho abre Cornélia entre) O padre Emiliano não está aqui ?

PANCHO - Ele foi buscar o Casimiro.

RAMON - Ou então a polícia vem nos buscar logo, logo.

CORNÉLIA - Como assim ?

PANCHO - Ramon está com medo que eles também tenham prendido o padre Emiliano porque ele queria resgatar o Casimiro.

CORNÉLIA - Decerto eles vem logo. E o que é que vocês vão fazer agora? Sem bananas e sem trabalho...?

PANCHO - Não sei...

RAMON - Mandar a IPP para o diabo !

CORNÉLIA - Querem que eu volte para a Alemanha. Mas eu não quero.

PANCHO - Se tu não queres , podes te esconder aqui.

RAMON - Estás doido ? - Então nós todos vamos para a cadeia por sequestro! Além disso, acho muito certo que todos da IPP voltem pro lugar de onde vieram, então finalmente vamos ter comida que chegue. (entra Emiliano)

EMILIANO - Tenho uma surpresa ! (Casimiro entra)

PANCHO - Casimiro !!!

CASIMIRO - Panchito !!!

RAMON - Olá, homem, ainda estás inteiro ? Como é que conseguiste sair da cadeia? Reventaste as grades com a tua wantoria ?

CASIMIRO - Eu engambelei eles;

PANCHO - Agora é melhor tu parar de cantar a música da IPP na rua .

CASIMIRO - Não mesmo !

PANCHO - Como assim ? Não estás com medo ?

CASIMIRO - Claro, que estou com medo ! Mas quando eu estava na prisão, e o cara quase me esgoelando, eu jurei - se eu conseguir sair daqui, aí é que eu vou cantar !

EMILIANO - (percebe a presença de Cornélia) que estás fazendo aqui ?



CORNÉLIA - (abressa-se) Eu trouxe o seu sobretudo e também queria me despedir porque preciso voltar à Alemanha.

MILLIANO - Não estas contente?

CORNÉLIA - Não quero ir embora . (buzinadas lá fora) Preciso ir. Até logo, Panchinho!

PANCHICO - Adeus, Cornélia! (Cornélia vai embora)

CASIMIRO - O pessoal da IPP está amedrontado, já estão mandando seus filhos pra casa.

RAMON - Nós precisamos botar todos eles na rua, para que a nossa terra volte a nos pertencer.

MILLIANO - Ainda teremos muito que fazer para chegar até lá.

PANCHICO - Mas a Cornélia poderia ter ficado aqui.

MILLIANO - Vocês querem saber o que diz aqui?.. através da ação desinteressada da polícia, Cornélia Muller Sanft pode ser resgatada ainda no mesmo dia do poder dos seus sequestradores...

PANCHICO - Sim, mas...mas isto é bobagem! O senhor ainda levou ela para casa . Eles não sabem disso ?

MILLIANO - Naturalmente que eles sabem !

PANCHICO - E porque mentem então ?

MILLIANO - Para que (uma) que tenham uma desculpa quando prendem pessoas como o Casimiro.

RAMON - Porque estão com medo !

- Black -

XI QUADRO

Casa de Cornélia. Malas abertas com roupas espalhadas pelo chão.

CORNÉLIA - (leendo o jornal) Mas isto é uma mentira ! Eu não fui libertada pela polícia.

PAI - Não fui eu quem escreveu isto.

CORNÉLIA - Então tu precisavas contar a verdade pra eles.

PAI - Não posso fazer isso.

CORNÉLIA - E pra mim tu dizes, que a gente sempre deve falar a verdade.



PAI - Mas isto é coisa bem diferente. Neste país a verdade as vezes pode prejudicar mais do que ajudar. (Ana vem voltando)

CORNÉLIA - Então vai ver que o Casimiro também contou a verdade e foi por isso que prenderam ele.

PAI - Agora, chega, Cornélia !

CORNÉLIA - Meda de pullover !

PAI - Ana ! Passa no meu escritório hoje de tarde para receber o seu último salário.

BABÁ - Então estou despedida, senhor ?

PAI - O que é que voce acha? Eu não preciso de babá.

BABÁ - Mas senhor! Eu poderia cozinhar, fazer a limpeza, ou qualquer outra coisa...

PAI + Não preciso mais de voce! Alem disso voce não está completamente inocente no caso do sequestro...

CORNÉLIA - Eu não fui sequestrada !!!

PAI - Pare de gritar! Eu vou te dizer uma coisa, minha filha ! Se tu não tivesse procurado esses tipos sujos e maltrapilhos para brincar eu não precisaria te mandar embora.

CORNÉLIA - Tu estás com medo porque o pessoal daqui te odia, ati e a IPP.

PAI - Está na hora de ir embora daqui. Apura um pouco, Ana +

BABÁ - (puxa uma laça e uma vara para fora da mala) Cornélia mas o que é isso aí ?

CORNÉLIA - Isso é o bilboquê que eu ganhei do rancho ! (ambas fecham as malas)

CORNÉLIA - Lamneto ter desaparecido assim sem mais nem menos...

BABÁ - Está bem, não faz mal, Cornélia...

PAI + (entra de chapéu e paletó) Estás pronta, Cornélia ? O carro está esperando. Ana, já pode ir levando as malas pra fora (ana sai)

CORNÉLIA - E quando posso voltar ?

PAI - Para Santa Basura ? Nunca.

FIM -

~~CORNÉLIA + Se tu me deixares nofando no internato, eu vou contar para todo mundo na Alemanha, que voces aqui mandam prender as pessoas, que os jornais mentem e que a IPP tira as bananas do pessoal, que as crianças morrem de fome...~~

~~PAI - Pode contar... (silêncio)~~



VI NA TEVÊ

(Paródia da Canção da I.P.P.)

Vi na tevê
Que o povo
Anda as mil
maravilhas.
Lantilhas,
Comendo até se fartar
Vi na tevê, vi na tevê, vi na tevê.

A cuíca e o pandeiro
Muito samba companheiro
Domingo tem futebol
Muita praia e muito sol
Tem também muita cachega
Nosso povo tá na grege
E não para de organdar.



CANÇÃO DA I.P.P.

A I.P.P. é um polvo
Com mil braços, armadilhas, quadrilhas
Querendo te aprisionar
A I.P.P., a I.P.P., a I.P.P. !

Olho vivo, pé ligeiro.
Atenção companheiro,
Que esse bicho não tem dó.
Te tritura como a mó.
Esse bicho é uma ameaça
E por onde ele passa,
Tudo vira pó, tudo virapó.

Seus tentáculos se alastram
Como bolha assassina
E como ave de rapina,
Está sempre a espreitar.
O polvo teleguiado,
Está sempre acordado
E não para de engordar.

Esse monstro é desumano
E alguém por baixo do pano
Vive sempre a lhe instigar.
Nós não podemos ficar,
Com nossos braços cruzados,
Antes de nos esmagar
Vamos seus braços cortar.



VOU PRA CIDADE

Vou embora minha mãe,
Eu vou embora prá cidade,
Minha mãe.

Eu vou embora.

Vou levando o meu sonho,
De encontrar uma senhora,
Com a porta aberta e a mesa posta.

Depois te trago um punhado,
Do que ela puder me dar
E compro uma roupa nova,
Prá que eu possa te agradar.

Vou embora minha mãe,
Eu vou embora prá cidade,
Minha mãe.

Eu vou embora.

Vais viver o pesadelo
Ao encontrar essa senhora,
Que te amassa e te devora.

Depois me traz um punhado,
Do que tu deixaste lá.
E traz a tua roupa velha,
Gasta de tanto lavar.



CANÇÃO DA MISTURA

Ai, América

Ai, América Latina ! / bis

La luna

en tus ojos negros,

o vento nos teus cabelos. / bis

O amor feito na cama, na grama.

O amor feito nos braços, abraços.

O amor

Indio, negro

O amor branco, indio

O amor negro, branco.

Ai, América,

Ai, América Latina ! / bis

Sol en tu cuerpo, morena,

o vento nos teus cabelos. / bis

É de América o fogo,

o sangue.

É de América a cachaça,

a raça.

O amor indio, negro

O amor branco, indio

O amor negro, branco.

Ai, América

Ai, América Latina.



BANANA

Banana, olha a banana

Quem quer comprar banana ? / bis

Dê uma olhada freguesa

São puros e apetitosos

Os frutos da natureza, os frutos da natureza.

Não são as bananas de plástico,

Fabricadas na I.P.P.

São como os raios da aurora

Que o sol começa a tecer, que o sol começa a tecer.

Banana, olha a banana

Quem quer comprar banana ? / bis

Dê uma olhada vizinha

São boas e tem vitamina,

São tortas, são maliciosas, são tortas são maliciosas.

Como as pernas do Garrincha

Na dança enlouquecida,

Que acaba fazendo um gol, Gooooolll !!!

Pro delírio da torcida, pro delírio da torcida.

